

O discurso sofístico no conto *O segredo do Bonzo*, de Machado de Assis

Pedro Lucas Pamplona Pereira

Cíntia Acosta Kütter (*)

“Pensar que se conhece alguma coisa quando se a desconhece. Acredito ser esta a causa de todos os erros que cometemos ao pensar.”

– Hóspede de Eléia falando como Sócrates

Machado de Assis (1839- 1908), conhecido amplamente por seus romances realistas e contos que refletem a sociedade brasileira de seu tempo. O autor imprime por meio de seus textos o realismo social de maneira satírica, que sua contribuição para a literatura nacional é inconfundível. Além de seus romances icônicos como *Dom Casmurro* (1899), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880) e *Helena* (1876), o escritor também se destaca como um contista.

Em obras como *O Espelho* (1882), *O Alienista* (1881) e *A Mão e a Luva* (1874), Machado de Assis demonstra porque não é apenas um renomado romancista, mas também um contista inato. Destarte, há muitas particularidades em seus contos, cada um tratando de uma temática totalmente peculiar e, tornando assim cada leitura de suas narrativas em uma experiência única. No conto intitulado *O segredo do Bonzo* (1882), objeto deste trabalho, nota-se que uma das peculiaridades machadianas, onde o autor discorre sobre questões filosóficas de maneira profunda, relacionando-as a questões metafísicas com a literatura, tal como faz em *O Espelho* (1882). Há a presença de conceitos doutrinários que os sofistas utilizavam em seus discursos que é apresentada por um asceta ao protagonista da narrativa, e esta doutrina dialoga indivisivelmente com os conceitos filosóficos sofísticos da Grécia antiga.

(*) Pedro Lucas Pamplona Pereira é discente do curso de Letras da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Cíntia Acosta Kütter é docente do curso de Letras da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) e do PPGL/UFPA.

A obra *O Sofista* (2014)¹ trata de uma conversa entre Teeteto e o estrangeiro que viera de Eleia, que ocorre após uma conversa com Sócrates. O propósito desta conversa é definir o caráter do sofista, se ele é um legítimo filósofo ou alguém que pode ser enquadrado em uma categoria fora desta. Para Sócrates, o sofista era o responsável por levar os jovens da cidade de Atenas à ascensão política e social por meio da ganância e ambição. Estes jovens, por sua vez, eram incumbidos de realizar um determinado pagamento para que pudessem ser instruídos por estes mestres e para aprenderem a arte da retórica sofista.

Destarte, foi percebido que tanto no conto *O Segredo do Bonzo* como no diálogo *O Sofista*, há uma estrutura semelhante de doutrina e filosofia por parte de seus expositores. De um lado, o Bonzo e seus discípulos com sua doutrina eloquente, e do outro, o sofista e seus discursos retoricamente bem construídos. Ambos possuem a argumentação filosófica no âmago de seus ensinamentos e este trabalho se propõe a perscrutar esta estrutura e desvendar a mesma em ambos os textos.

Por meio de uma narrativa fictícia, sobre Fernão Mendes Pinto, Machado de Assis (1994, p.1) apresenta um relato deste personagem, que segundo o autor, é uma *história inédita*. Em uma das viagens como explorador português e missionário do século XVI, este fizera uma descoberta na cidade de Fuchéu, capital do reino de Bungo, uma doutrina filosófica, que segundo Fernão, merece não menos apreço e atenção, sendo reputada como digna de ser divulgada em todas as repúblicas da cristandade.

Atrás deixei narrado o que se passou nesta cidade Fuchéu, capital do reino de Bungo, com o padre-mestre Francisco, e de como el-rei se houve com o Fucarandono e outros bonzos, que tiveram por acertado disputar ao padre as primazias da nossa santa religião. Agora direi de uma doutrina não menos curiosa que saudável ao espírito, e digna de ser divulgada a todas as repúblicas da cristandade. Um dia, andando a passeio com Diogo Meireles, nesta mesma cidade Fuchéu, naquele ano de 1552, sucedeu deparar-se-nos um ajuntamento de povo, à esquina de uma rua, em torno a um homem da terra, que discorria com grande abundância de gestos e vozes (ASSIS, 1994, p.1).

Essa filosofia *saudável ao espírito e merecedora de ser divulgada* é o ensino de Pomada, o Bonzo, que é propagada por seus discípulos nas ruas da cidade de Fuchéu, onde Fernão e seu amigo Diogo irão encontrar dois de seus principais representantes de tão eloquente ensino: Patimau e Languru, personagens que atraem multidões pela cidade e são tidos com muita estima pelo povo por seus ensinamentos tão caros aos seus ouvidos. Na exposição desta doutrina, Patimau afirma que, com o resultado de anos de afincamento e estudo, descobrira a origem dos grilos

¹ Neste trabalho utilizamos a edição da obra *O Sofista*, publicada em 2014, pela editora Hunter Books, São Paulo.

e faz as seguintes afirmações sobre ela:

Que ele não queria outra coisa mais do que afirmar a origem dos grilos, os quais procediam do ar e das folhas de coqueiro, na conjunção da lua nova; que este descobrimento, impossível a quem não fosse, como ele, matemático, físico e filósofo, era fruto de dilatados anos de aplicação, experiência e estudo, trabalhos e até perigos de vida (ASSIS, 1994, p.1)

Sendo assim, a origem dos grilos fora uma causa nobre demais ao longo dos anos de estudo sobre o assunto, era impossível alguém além dele expor com tanta maestria e eloquência esta filosofia, afinal, custou-lhe muito esta descoberta, até mesmo sua vida. Como poderia o povo duvidar de um ensino tão bem estruturado aos seus ouvidos? Além de possuir forte testemunho de seus anos de aplicação, Patimau arquitetava com maestria a exposição do seu discurso. Seu contemporâneo e propagador da mesma doutrina, Languru, na exposição do seu ensinamento expõem a origem da vida futura, e tal qual Patimau, ele chegou à conclusão através de anos de profundo raciocínio e estudo. Tal afirmação possui credibilidade por ter sido fundamentada, segundo ele, nas evidências do descobrimento:

[...]quando a terra houvesse de ser inteiramente destruída, e era nada menos que uma certa gota de sangue de vaca; daí provinha a excelência da vaca para habitação das almas humanas, e o ardor com que esse distinto animal era procurado por muitos homens à hora de morrer; descobrimento que ele podia afirmar com fé e verdade, por ser obra de experiências repetidas e profunda cogitação[...] (ASSIS, 1994, p.2)

Sendo assim, pasmos, Fernão e Diogo, pela semelhança retórica e ocasião destes encontros tão surpreendentemente próximos em suas características, contudo, a seus ouvidos isto parecia inverossímil, tanto a origem dos grilos dada por Patimau como o princípio da vida futura apresentada por Languru, porém, estes dois dominavam a arte de expor um bom discurso:

Ficamos sem saber nada daquilo, porque nem nos parecia casual a semelhança exata dos dois encontros, nem racional ou crível a origem dos grilos, dada por Patimau, ou o princípio da vida futura, descoberto por Languru, que assim se chamava o outro. Sucedeu, porém, costarmos a casa de um certo Titané, alparqueiro, o qual correu a falar a Diogo Meireles, de quem era amigo (ASSIS, 1994, p.2).

No decorrer da narrativa, os personagens encontram um amigo na cidade, Titané, que tivera por ofício ser fazedor de alparcas, eles contaram em sua residência os acontecimentos que observaram e lhes chamaram muita atenção. Poderiam aquelas semelhanças serem apenas mera coincidência? A respeito disto Titané afirmou:

Ao que Titané acudiu com grande alvoroço: - Pode ser que eles andem cumprindo

uma nova doutrina, dizem que inventada por um bonzo de muito saber, morador em umas casas pegadas ao monte Coral. E porque ficássemos cobiçosos de ter alguma notícia da doutrina, consentiu Titané em ir conosco no dia seguinte às casas do bonzo, e acrescentou: - Dizem que ele não a confia a nenhuma pessoa, senão às que de coração se quiserem filiar a ela; e, sendo assim, podemos simular que o queremos unicamente com o fim de a ouvir; e se for boa, chegaremos a praticá-la à nossa vontade. (ASSIS, 1994, p.2)

A origem da retórica filosófica nos ensinamentos que Fernão e Diogo ouviram fora descoberta. Um Bonzo, um tipo de homem místico que habitava na cidade foi quem forneceu esta nova doutrina a Patimau e a Languru, ele vivia como um asceta, mas sua filosofia ecoava pelas ruas das cidades através de seus discípulos:

No dia seguinte, ao modo concertado, fomos às casas do dito bonzo, por nome Pomada, um ancião de cento e oito anos, muito lido e sabido nas letras divinas e humanas, e grandemente aceito a toda aquela gentildade, e por isso mesmo malvisto de outros bonzos, que se finavam de puro ciúme. E tendo ouvido o dito bonzo a Titané quem éramos e o que queríamos, iniciou-nos primeiro com várias cerimônias e bugiarias necessárias à recepção da doutrina, e só depois dela é que alçou a voz para confiá-la e explicá-la. (ASSIS, 1994, p.2)

Após terem tomado conhecimento do mestre dos eloquentes personagens, Fernão e Diogo, encontram-se com o mesmo e foram expostos a doutrina filosófica deste Bonzo amigavelmente, onde ele propõe a revelar os segredos de sua doutrina e o motivo dela atrair tão fervorosamente a multidão da cidade. O Bonzo, afirma, que o surgimento de seu ensino teve como princípio as reflexões sobre o que é verdadeiro, ou o que é real:

Uma tal pedra, com tais quilates de luz, não existiu nunca, e ninguém jamais a viu; mas muita gente crê que existe e mais de um dirá que a viu com os seus próprios olhos. Considerei o caso, e entendi que, se uma coisa pode existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade, sem existir na opinião, a conclusão é que das duas existências paralelas a única necessária é a da opinião, não a realidade, que é apenas conveniente. (ASSIS, 1994, p.3)

O exemplo que o sábio fornece a Fernão e a Diogo é o ponto central de sua filosofia, se muitas pessoas creem que algo existe isto tornará a coisa real. Ou seja, existir, na opinião, é suficiente para sustentar a realidade de alguma coisa, afinal a realidade é apenas conveniente, e mais vale sustentar a existência de propriedades irreais, do que afirmar que algo existe empiricamente. A suficiência do saber reside em afirmar que a opinião é a única suficiente, excluindo assim o saber que reside na realidade, quando há conflito entre essas duas concepções de saber, mais vale adquirir o saber meramente especulativo, segundo o Bonzo. Para compreender como a doutrina do Bonzo, e de seus discípulos, articulam essas propriedades

irreais, aos ouvidos dopovo, mesmo sustentando afirmações absurdas é necessário entender as técnicas e formas de seus discursos, ou seja, a *arte de meter as ideias no ânimo da multidão*, como o próprio Bonzo afirma:

Para compreender a eficácia do meu sistema, basta advertir que os grilos não podem nascer do ar e das folhas de coqueiro, na conjunção da lua nova, e por outro lado, o princípio da vida futura não está em certa gota de sangue de vaca; mas Patimau e Languru, varões astutos, com tal arte souberam meter estas duas idéias no ânimo da multidão, que hoje desfrutam a nomeada de grandes físicos e maiores filósofos, e tem consigo pessoas capazes de dar a vida por eles. (ASSIS, 1994, p.3)

A ideia filosófica baseada na arte de construir um discurso sem que este seja considerado verdade é estruturada sobre o elemento sofístico do ensino que Platão apresenta no diálogo entre o Estrangeiro e Teeteto. Neste tratado, há uma busca pela identidade desses indivíduos, chamados Sofistas e como eles se caracterizam, no que tange a discussão importante de compreender a doutrina do Bonzo, faz-se necessário ter ciência de determinados conceitos filosóficos que dialogam com a ficção machadiana. Primeiramente a comparação da articulação do discurso sofístico com a arte mimética, assim afirma o Estrangeiro na obra de Platão:

Estrangeiro – E então? O que dá a impressão de belo, por ser visto de posição desfavorável, mas que, para quem sabe contemplar essas criações monumentais em nada se assemelha com o modelo que presume imitar, por que nome o designaremos? Não merecerá o de simulacro, por apenas parecer sem ser realmente parecido? (PLATÃO, 2014, p.50).

Platão, afirma em sua obra, que o sofista tem a intenção semelhante ao do pintor que realiza a *mímese*, ou imitação da realidade. Enquanto um pintor está preocupado em retratar a realidade tal como ela é, o simulacro apenas faz algo que *parece ser bem parecido* com a realidade, ou seja, produz uma arte ilusória e enganadora a respeito da realidade e de como ela se apresenta. Portanto, tanto o sofista quanto o Bonzo e seus discípulos se utilizam da arte mimética, contudo estes são classificados como simulacros, porque apresentam em seus diálogos apenas um discurso que se parece com a realidade e possui conteúdo ilusório.

No livro X d'A *República*, Platão narra como Sócrates apresenta a arte mimética em seu diálogo. O filósofo assinala que ela possui três correspondências: o arquétipo, ou ideia; a cópia que seria a realidade criada pelo artífice e a mímema, a cópia do arquétipo criada pelo pintor ou artista. Portanto, há uma divisão de uso, fabricação e imitação, o discurso sofístico do Bonzo enquadra-se como a cópia do arquétipo, isto é, sua doutrina é uma fabricação mimética, mesmo que esta seja simulacra.

A compreensão de imagem é endossada pelo Estrangeiro ainda na discussão para compreender o caráter do discurso sofístico. O que é semelhante a realidade por inferência não é real, já que apenas se parece com o real, esta é a cópia da realidade que o filósofo explica.

Teeteto – Que mais, hóspede, poderemos dizer que seja imagem, se não for outra coisa tirada da verdadeira?

Estrangeiro – E se essa outra coisa também é verdadeira, por que razão a cita como outra?

Teeteto – Verdadeira não será, porém, semelhante.

Estrangeiro – E por verdadeiro não entendemos o que realmente existe?

Teeteto – Isso mesmo.

Estrangeiro – E agora: o não verdadeiro não é o oposto do verdadeiro?

Teeteto – Exato.

Estrangeiro – Sendo assim, o semelhante não existe, já que o consideras não verdadeiro. (PLATÃO, 2014, p. 56).

Para o filósofo, a cópia não representa necessariamente a verdade, sendo assim, o discurso sofístico, mesmo que esteja revestido de alguma verdade é apenas uma falsificação do que existe e, portanto, não é verdadeiro, apenas semelhante ao que é real de fato. Tomando Homero como exemplo, Platão segue afirmando que a poesia, por ser um produto do artista está afastada três graus da realidade, e que ela não pode ser verdadeira justamente por ser uma imagem ou cópia da realidade. A imagem, ou cópia, não interessa ao filósofo que se preocupa com a realidade das coisas, e estando a *mímese* distante da realidade neste grau, o filósofo não se preocupa em medir suas palavras para criticar a arte mimética e a Homero como imitador:

Caro Homero, se é verdade que, no que respeita a virtude, não estás afastado no terceiro grau da verdade, artífice da imagem, como definimos o imitador, se te encontras no segundo grau e nunca foste capaz de saber que práticas tornam os homens melhores ou piores, na vida particular e na vida pública, diz-nos qual entre ascidades, graças a ti, se governou melhor, como, graças a Licurgo, o Lacedemônio, e graças a muitos outros, muitas cidades grandes e pequenas? (PLATÃO, 2014, p. 432).

Nota-se que o filósofo possui uma compreensão pedagógica da *mímese*, a acusação deste sobre Homero é que seus escritos dissuadiram os homens e com isso se afastaram da realidade. Para Platão a *mímese* causaria uma desgraça para o bem-estar do cidadão grego, isto arruinaria a *Polis* que o filósofo tanto defende. Como uma cidade poderia subsistir estando afastada do que é real? De igual modo o ensino do Bonzo é danoso para o cidadão de Fuchéu, porque o afasta da realidade por meio do discurso falacioso.

Sendo assim, o discurso sofístico possuía como principal motivo de propagação o que bem pontua Jacques Maritain (1956, pg. 40) “O que se pode dizer como sendo o mais

característico em todos, é que queriam as vantagens da ciência, sem querer a verdade. Queriam as vantagens da ciência, enquanto ela significa para seus possuidores poder e dominação ou volúpia intelectual.” A dominação intelectual e o engano introduzido pelo discurso simulacro é tão característico dos sofistas quanto o alicerce de uma peça fundamental da doutrina do Bonzo. O discurso bem articulado desprovido de correspondência com a realidade era vantajoso para eles enquanto ganhassem o apreço do povo e renome na cidade. Dito isto, Fernão e Diogo passam a aderir este ensino visando o lucro e formam uma empreitada para tirar dinheiro do povo da cidade de Fuchéu.

Neste ponto da narrativa suas intenções deixam de ser mera curiosidade para compreender o ensino do Bonzo e contemplar o desejo simulacro, ou seja, ficam instigados a praticarem o discurso baseado no engano. A finalidade não poderia ser outra, visaram o lucro que poderiam obter com o discurso sofisticado e o expuseram na prática:

Com efeito, antes de cair a tarde, tínhamos os três combinado em pôr por obra uma idéia tão judiciosa quão lucrativa, pois não é só lucro o que se pode haver em moeda, senão também o que traz consideração e louvor, que é outra e melhor espécie de moeda, conquanto não dê para comprar damascos ou chaparias de ouro. Combinamos, pois, à guisa de experiência, meter cada um de nós, no ânimo da cidade Fuchéu, uma certa convicção, mediante a qual houvéssimos os mesmos benefícios que desfrutavam Patimau e Languru; mas, tão certo é que o homem não olvida o seu interesse, entendeu Titané que lhe cumpria lucrar de duas maneiras, cobrando da experiência ambas as moedas, isto é, vendendo também as suas alparcas: ao que nos não opusemos, por nos parecer que nada tinha isso com o essencial da doutrina. (ASSIS, 1994, p.3)

Em sua aplicação desta corrupção do saber, Titané elabora um plano para vender suas alparcas na cidade, e nisso observa-se mais uma das várias semelhanças entre o discurso sofisticado e a doutrina do Bonzo. Por meio da divulgação falaciosa nos jornais, este propaga a venda de suas alparcas com a propaganda de que elas eram as *alparcas do estado*. Apoiado na sua campanha enganosa esse plano é divulgado:

[...]para recompensa dos que se distinguiram em qualquer disciplina do entendimento; que eram grossíssimas as encomendas feitas de todas as partes, às quais ele Titané ia acudir, menos por amor ao lucro do que pela glória que dali provinha à nação; não recuando, todavia, do propósito em que estava e ficava de dar de graça aos pobres do reino umas cinquenta corjas das ditas alparcas, conforme já fizera declarar a el-rei e o repetia agora; enfim, que apesar da primazia no fabrico das alparcas assimreconhecida em toda a terra, ele sabia os deveres da moderação, e nunca se julgaria mais do que um obreiro diligente e amigo da glória do reino de Bungo. (ASSIS, 1994,p.4)

Não há correspondência entre a qualidade que a propaganda promove e o produto. Titané apenas construiu seu discurso apoiando-se na falsa premissa de que suas alparcas são famosas e que estaria vendendo-as apenas para louvor do reino de Bungo. Contudo, suas intenções não

foram estas e estavam revestidas da roupagem do discurso bem construído, persuasivo, apelativo e ilusório.

Nota-se também que no âmago da doutrina do Bonzo há o viés lucrativo, tanto quanto no discurso sofístico, em que o mesmo é construído de forma a apresentar premissas falsas, mascarando assim o objetivo de seu interlocutor. A arte simulacra do ensino do Bonzo é persuasiva e oportunista em seus meios e fins. Platão afirma que a arte sofística, assim como a doutrina do Bonzo é baseada no salário, ou seja, no desejo oportunista, tendo como fim o mero lucro individual, essa individualidade manifesta-se como uma das principais características do ensino sofístico:

Estrangeiro- Porém, da arte com base no salário, a modalidade que se manifesta nas conversas, com o simples objetivo de agradar e que só usa o prazer como isca, sem nada mais exigir para sua subsistência, acho que todos nós concordaríamos em qualifica-la como adulara ou simplesmente arte recreativa. (PLATÃO, 2014, p.30)

O praticante do desejo simulacro importa-se unicamente com a aquisição pessoal por meio do engano, ou seja, não é um filósofo propriamente dito, mas um enganador. Suas virtudes residem na arte do êxito, perde-se o amor e o apreço à verdade. É o que exprime Titané a seus amigos após o sucesso de sua empreitada:

E dizia-nos com muita graça: - Vede que obedeco ao principal da nossa doutrina, pois não estou persuadido da superioridade das tais alparcas, antes as tenho por obra vulgar, mas fi-lo crer ao povo, que as vem comprar agora, pelo preço que lhes taxa. -Não me parece, atalhei, que tendes cumprido a doutrina em seu rigor e substância, pois não nos cabe inculcar aos outros uma opinião que não temos, e sim a opinião de uma qualidade que não possuímos; este é, ao certo, o essencial dela. (ASSIS, 1994, p.4)

A finalidade não é a verdade por meio do discurso, mas sim inculcar aos *outros uma opinião que não temos*, seus próprios expoentes não acreditam na validade de seus discursos, para Titané, suas alparcas eram vulgares. Porém, este convenceu o povo do contrário, o desejo simulacro guia-os por meio da retórica para a finalidade lucrativa, a essência do ensino do Bonzo é convencer o ouvinte a respeito de uma qualidade filosófica que não existe, de uma realidade falsa mascarada e revestida na persuasão. Fernão e seu amigo logo percebem isto quando observam na prática os resultados disto.

Destarte, é neste ponto da narrativa que ao descrever a empreitada de Diogo Meireles, amigo de Fernão, e sua aplicação da doutrina do Bonzo, que Machado de Assis usa termos de particularidade filosófica para demonstrar como o discurso sofístico pode ser sustentado na prática. Isto é notório, porque nesse trecho Diogo Meireles utiliza dos conceitos filosóficos na

íntegra. Vocábulo como *verossimilhança*, *transcendental* e *ideal* evocam a ideia metafísica de filosofar, e é exatamente isto que Diogo faz.

Na ilha de Fuchéu havia peculiaridade que assolava o nariz da população e que diante de vários fracassos em propor racionalmente que todos viessem a remover seus narizes por meio das devidas providências. Diogo agora apela para que os habitantes os removam cirurgicamente e passem a possuir um nariz metafísico o qual ele próprio iria fabricar e vender. Dado o fato de Diogo ter assimilado muito bem a doutrina do Bonzo, não foi tarefa árdua para este convencer as autoridades da ilha e a população a fazer tão grande absurdo.

O assombro da assembleia foi imenso, e não menor a incredulidade de alguns, não digo de todos, sendo que a maioria não sabia que acreditasse, pois se lhe repugnava a metafísica do nariz, cedia, entretanto, à energia das palavras de Diogo Meireles, ao tom alto e convencido com que ele expôs e definiu o seu remédio. Foi então que alguns filósofos, ali presentes, um tanto envergonhados do saber de Diogo Meireles, não quiseram ficar-lhe atrás, e declararam que havia bons fundamentos para uma tal invenção, visto não ser o homem toda outra coisa mais do que um produto da idealidade transcendental; donde resultava que podia trazer, com toda a verossimilhança, um nariz metafísico, e juravam ao povo que o efeito era o mesmo. (ASSIS, 1994, p.5)

Houve pasmo na assembleia, e o assombro os tomou quando ouviram a proposta de Diogo, pois parecia tarefa absurda demais remover o nariz e assumir um novo de cunho filosófico, contudo, extremamente plausível, do ponto de vista sofístico. Não obstante eles tiveram que ceder, como não ceder diante de um discurso bem construído e cheio de profundidade filosófica? Tiveram que ceder.

Diogo obtém êxito diante do povo, e curiosamente enquanto praticava o ato de *desnaringar* as pessoas, o mesmo levava a mão em uma caixa e simulava pôr cirurgicamente o nariz metafísico em seus pacientes, afinal, a própria população convenceu-se por meio do discurso de Diogo e concordaram com o fato de que o homem é um ser transcendental e que realmente possuíam um nariz verossímil:

A assembleia aclamou a Diogo Meireles; e os doentes começaram de buscá-lo, em tanta cópia, que ele não tinha mãos a medir. Diogo Meireles desnaringava-os com muitíssima arte; depois estendia delicadamente os dedos a uma caixa, onde fingia ter os narizes substitutos, colhia um e aplicava-o ao lugar vazio. Os enfermos, assim curados e supridos, olhavam uns para os outros, e não viam nada no lugar do órgão cortado; mas, certos e certíssimos de que ali estava o órgão substituto, e que este era inacessível aos sentidos humanos, não se davam por defraudados, e tornavam aos seus ofícios. Nenhuma outra prova quero da eficácia da doutrina e do fruto dessa experiência, senão o fato de que todos os desnaringados de Diogo Meireles continuaram a prover-se dos mesmos lenços de assoar. O que tudo deixo relatado paráglória do bonzo e benefício do mundo. (ASSIS, 1994, p.5)

Não houve prova maior da eficácia do discurso sofisticado para Fernão do que ver os clientes de Diogo usarem lenços de assoar mesmo não possuindo mais seus narizes. Por fim, estavam convencidos de que seu órgão habitava em uma realidade inacessível para eles, mas que sim, havia um nariz ali mesmo que não houvesse. Dessa forma podemos pensar que o engano, ou desejo simulacro, marca tanto do ensino do Bonzo quanto da filosofia sofisticada. Machado de Assis em seu conto demonstra ao leitor como a doutrina do Bonzo é tão semelhante a esta filosofia, que uma vez compreendida, se torna indissociável as características dos praticantes da doutrina do Bonzo e dos Sofistas. Destarte, Platão encerra seu diálogo com Teeteto definindo-os da seguinte maneira:

Estrangeiro – Sendo assim, a espécie imitativa e suscitadora de contradições da parte dissimuladora da arte baseada na opinião, pertencente ao gênero imaginário que se prende à arte baseada na opinião, pertence ao gênero imaginário que se prende à arte ilusória da produção de imagens, criação humana, não divina, desse malabarismo ilusório com palavras. Quem afirmar que é de semelhante sangue e dessa estirpe que provém o verdadeiro sofista, só dirá, como parece, a pura verdade. (PLATÃO, 2014, p.101)

Com isso, o malabarismo retórico é a arte dos sofistas, tal malabarismo é visto na doutrina do Bonzo e no discurso de seus discípulos, se é verdade que os sofistas são dissimuladores e praticam a ilusão com as palavras, também é verdade, que as estirpes do Bonzo igualmente caracterizam-se assim.

Referências

- ASSIS, Machado de. **Obra completa**, v. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994.
- SALTARELLI, T. C. V. L. (2009). Imitação, emulação, modelos e glosas: o paradigma da mimesis na literatura dos séculos XVI, XVII e XVIII. **Aletria: Revista De Estudos De Literatura**, 251–264. <https://doi.org/10.17851/2317-2096.251-264>.
- PLATÃO. **A teoria das idéias**. 2. ed. São Paulo: Hunter Books Editora, 2014.
- MARITAIN, Jacques. **Introdução geral à filosofia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1956.
- COPLESTON, Frederick. **Uma história da filosofia**, v.1: Grécia, Roma e filosofia medieval. São Paulo: Vide Editorial, 2021.

Resumo: O presente artigo possui como intuito analisar pelo método comparativo a estrutura do discurso doutrinário no conto *O Segredo do Bonzo*, de Machado de Assis (1839-1908), e as correspondências que este apresenta com o ensino sofístico, encontrado nos diálogos de Platão (427-347 a.C), especificamente no livro *O Sofista*, do mesmo autor. Com isso, propomos uma discussão entre as obras e seus pontos de encontro.

Palavras-chave: Discurso sofístico; doutrina; filosofia.

Abstract: This article aims to analyze by the comparative method the structure of the doctrinal discourse in the short story *The Secret of Bonzo*, by Machado de Assis (1839-1908), and the correspondences that this presents with the sophistic teaching, found in the dialogues of Plato (427-347 BC), specifically in the book *The Sophist*, by the same author. With this, we propose a discussion between the works and their meeting points.

Keywords: Sophistic discourse; doctrine; philosophy.

Recebido em: 22/05/2023.

Aceito em: 4/06/2023.